
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Gabriela Fernanda Dias

**CRI-AN-ÇA: A CRIATIVIDADE, A INFÂNCIA E A IMAGINAÇÃO
EXPRESSADAS NO DESENHO (PORQUE OS ADULTOS TÊM
SEMPRE NECESSIDADE DE EXPLICAÇÕES DETALHADAS).**

GABRIELA FERNANDA DIAS

**CRI-AN-ÇA: A CRIATIVIDADE, A INFÂNCIA E A IMAGINAÇÃO
EXPRESSADAS NO DESENHO (PORQUE OS ADULTOS TÊM
SEMPRE NECESSIDADE DE EXPLICAÇÕES DETALHADAS).**

Orientador: Prof^o Dr^o CÉSAR
DONIZETTI PEREIRA LEITE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências
da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de
Rio Claro, para obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2012

372.218 Dias, Gabriela Fernanda
D541c CRI-AN-ÇA: a criatividade, a infância e a imaginação
expressadas no desenho (porque os adultos têm sempre
necessidade de explicações detalhadas) / Gabriela Fernanda
Dias. - Rio Claro : [s.n.], 2012
33 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Educação pré-escolar. 2. Criança. 3. Criação. 4.
Imagem. 5. Desenho. I. Título.

Dedico este trabalho aos pequenos e grandes autores dos desenhos, que através de suas belas obras de arte possibilitaram a mim este estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

A minha mãe que dedicou sua vida para que a minha fosse sempre melhor. Obrigada por todo carinho, amor, paciência, honestidade, caráter, e força que você sempre me passou. Sem você eu nada seria.

Aos meus irmãos, Mário e Júlio, pelo exemplo, força, dignidade e apoio.

As queridas amigas que conquistei no decorrer da graduação: Bia Costa, Bia Montanhana, Juliana, Mariana Bortolazzo, Mariana Rauter e Nayara. Sem vocês seria muito mais complicado e bem menos divertido. Obrigada por cada momento de compreensão, auxílio, e pela eterna amizade. E já disse Machado de Assis: “A amizade sente-se, não se diz”, senti em vocês desde sempre.

A minha mais que amiga, Jéssica, por todo seu apoio, força, carinho, humor, festividades, e alegrias sempre tão presentes que me fizeram mais forte para suportar e superar todas as dificuldades e percalços da universidade.

Ao meu orientador, pelo tempo a mim dispensado, pelas dicas, correções, e risos.

Obrigada!

*“O desenho não é uma brincadeira
É muito grave e misterioso o fato
de que um traço possa representar um ser.
Não apenas sua imagem,
Mas sobretudo aquilo que ele representa,
aquilo que ele realmente é.
Que maravilha!
Não seria isso mais surpreendente
do que todas as prestidigitações
e coincidências do mundo?”*

- Pablo Picasso -

RESUMO

O interesse por esta temática de trabalho surgiu a partir de um estudo realizado em minha iniciação científica, que tem por título “Ação, Câmera, Luz: Entre imagens e olhares – experiência de infâncias e montagens” desenvolvido no Departamento de Educação do Instituto de Biociências, localizado na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Rio Claro. Como o próprio título sugere, ela tem por principal objetivo inverter a lógica da conhecida frase: “Luz, Câmera, Ação”. Este trabalho, ao inverter a ordem dos fatores, busca ver se ao deixarmos a ação das crianças livre, o que se produziria seria algo mais verdadeiro, mais significativo, de fato. O que a ausência de intencionalidade geraria aos produtores de imagens.

A partir de então, comecei a imaginar outro tipo de produção de imagens, não mais com câmeras fotográficas e filmadoras, mas de próprio punho. Portanto, este trabalho tem por objetivo analisar as crianças, e suas realidades através do que elas mesmas nos dizem e nos mostram em seu dia a dia por meio de seus desenhos. Os desenhos utilizados foram retirados de uma instituição de ensino não formal da cidade de Rio Claro, e entendidos como documentos.

A pesquisa traz também um aporte teórico com as concepções sobre desenho infantil de alguns teóricos, como Lowenfel, Greig, La Pastina, Vigotski entre outros.

Palavras-chave: Criança; Criação; Imagem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeiro desenho do Pequeno Príncipe.....	13
Figura 2 - Segundo desenho do Pequeno Príncipe.....	14
Figura 3 – Desenho representando a primeira fase	16
Figura 4 – Desenho representando a segunda fase	16
Figura 5 - Desenho representando a terceira fase	17
Figura 6 - Desenho representando a terceira fase	17
Figura 7 - Desenho representando a quarta fase	18
Figura 8 - Desenho representando a quarta fase	18
Figura 9 - Desenho representando a quarta fase	19
Figura 10 - Desenho: 'Ódio e Vingança'	23
Figura 11 – Desenho: Eu não gosto quando o meu pai briga	24
Figura 12 – Desenho: O rio poluído	24
Figura 13 - Desenho: Avó e padrasto brigando	24
Figura 14 - Desenho: Só os fortes sobrevivem	25
Figura 15 - Autorretrato	26
Figura 16 - Desenho: Paisagem.....	26

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	8
1.2 – Metodologia.....	9
2 – CONCEPÇÕES DE DESENHO	11
3 – O DESENHO ENQUANTO ARTE	20
4 – O DESENHO	22
4.1 – A influência do meio vivenciado pela criança refletido em seu desenho.....	22
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6 – BIBLIOGRAFIA	30

1 – INTRODUÇÃO

Dentro do Grupo de Estudos, Pesquisas e Linguagens, Experiência e Formação desenvolve-se uma pesquisa da qual participei como bolsista de Iniciação Científica – FAPESP, o projeto intitula-se *Ação, Câmera, Luz: Entre imagens e olhares – Experiências de infâncias e montagens*. Esta pesquisa tem por objetivos discutir, a partir, de produção de imagens (filmes e fotografias), enredos, narrativas (dramáticas e corporais) realizados por crianças, no contexto de suas experiências no cotidiano da escola, e discutir, o exercício do olhar das crianças suas possibilidades e leituras entre conceitos de infância e articulações com o cinema e os processos de produção de subjetividade.

O título do projeto vem justamente da ideia de contrariar a lógica da tão conhecida frase: “ação, câmera, luz”, e também a lógica da luz do pensamento, da construção das ideias, da coerência da ordem das filmagens, das fotografias, para então somente, entrar com a câmera, focalizando, direcionando-a para onde melhor transmitirá as sensações que o diretor gostaria de transmitir; através da velocidade, da lentidão, do foco, da amplitude, as sensações do telespectador. Este trabalho, ao inverter a ordem dos fatores, busca ver se ao deixarmos a ação das crianças livre, o que se produziria seria algo mais verdadeiro, mais significativo, de fato. O que a ausência de intencionalidade geraria aos produtores de imagens (DIAS; RAUTER, 2010). A pesquisa ocorreu em duas instituições de ensino da cidade de Rio Claro/SP vinculadas a Prefeitura Municipal. Nestas instituições as crianças participam de projetos educacionais no período inverso ao que frequentam a escola.

Através do envolvimento com esta pesquisa, e de perceber a força das imagens nos processos educativos, surgiu em mim, o interesse por outro tipo de produção de imagens, o desenho.

O interesse por este tipo de produção imagética aparece por vários motivos, sendo eles os seguintes:

- o desenho está presente no cotidiano infantil e no escolar;
- por ser fruto da criatividade humana;

- por ser considerado uma arte;
- pelo fato de que as crianças nos falam muito de seu cotidiano, de sua vivência familiar e do meio no qual ela está inserida através de seus desenhos.

Surgindo daí o objetivo geral da pesquisa, que é o de observar e analisar se assim como no projeto desenvolvido, quando as crianças estão livres para criar, qual o tipo de imagens serão produzidas, e o quão livres (ou não) de influências externas, como por exemplo, a mídia, o bairro onde moram, a convivência familiar, e etc. elas serão. Sendo assim, a pesquisa tem por objetivos específicos:

- Analisar a influência da mídia no cotidiano da vida da criança, e como ela demonstra isto (ou não);
- Analisar a influência do meio em que a criança está inserida em sua vida;
- Observar o que as crianças expõem no desenho, quando inseridas no cotidiano escolar, sendo o desenho livre.

1.2 – Metodologia

Acerca da metodologia utilizada no trabalho, ela é de abordagem qualitativa, e especificamente a pesquisa documental. É semelhante à pesquisa bibliográfica, porém ao invés de utilizar contribuições de diversos autores esta utiliza materiais que não receberam um tratamento analítico ainda ou os reelabora de acordo com os propósitos da pesquisa.

[...] convém lembrar que algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes, não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão deste problema ou, então, hipóteses que conduzem a sua verificação por outros meios. (GIL, 2002, p. 47)

Nesta pesquisa os desenhos produzidos pelas crianças foram encarados como documento, não havendo então contato direto dos pesquisadores com as crianças.

Eles foram retirados de uma instituição de educação não formal localizada na periferia da cidade de Rio Claro/SP. O bairro sofre com a falta de escolas, poluição do rio que corta o bairro, atendimento adequado à saúde, ao lazer, e principalmente

com a extrema violência, além da exposição constante das crianças ao álcool e as drogas. Foram retirados 20 desenhos (escolhidos aleatoriamente pela coordenação da escola, como requisitado pelos pesquisadores, não tendo assim contato com crianças e professores) feitos por 14 crianças e adolescentes com idades entre 06 a 15 anos.

Os desenhos aqui estudados foram analisados com base em diversos estudos de vários autores, tomando-se sempre o cuidado e a devida atenção, para não ressignificá-lo de maneira a alterar a proposta/ideia da criança. Falaremos mais sobre isto no primeiro capítulo, que além desta questão trará a concepção de desenho por diversos autores, trazendo também as etapas do processo evolutivo do desenvolvimento do desenho. No segundo capítulo será tratada a questão da arte e suas definições. No terceiro capítulo traremos os desenhos, analisando-os e observando a real influência da mídia, além da influência do meio (escolar e familiar) em seu desenvolvimento.

2 – CONCEPÇÕES DE DESENHO

Todos sempre desenhamos, em diversos lugares e com diferentes recursos como, por exemplo, lápis, giz, caneta, tinta, etc. O desenho pode ser encarado de diversas maneiras, como diversão, arte, expressão de sentimentos, e ainda como história no caso dos desenhos pré-históricos, que datam da época anterior a escrita, onde os únicos “documentos escritos” existentes são as pinturas rupestres. LOWENFELD cita um exemplo deste tipo de desenho onde ele encaixa na categoria de arte utilitária: “por exemplo, o homem pré-histórico, quando representava um bisão na parede da caverna, supunha que na caçada, mataria o animal com mais facilidade.” (1977, p.7)

Neste trabalho, nosso foco será no desenho infantil, e vários autores o definem de diversas maneiras. Abaixo traremos as diferentes visões de alguns deles.

Iniciamos por SANS (1987), que parte do pensamento “de que o desenho é um dos meios de comunicação e expressão natural do homem, que segue no decorrer de sua infância, uma evolução gráfica, importante para o desenvolvimento mental”. (1987, p. 11) “Desenho é qualquer representação gráfica – colorida ou não – de formas” (1987, p. 19), definindo-o assim, de maneira bem simples, mas ao mesmo tempo bem abrangente.

Alguns autores apresentam uma discussão em outra direção, ao que tange o desenho, como LIMA (1996), onde ela observa que:

[...] o desenho não acontece apenas quando possui a superfície de papel e o lápis. Há desenho no caminho que se faz de casa ao trabalho, na arrumação dos livros sobre a escrivaninha, na decoração das ruas por onde passam as procissões, na correria das crianças, ao tentarem fugir dos pais na brincadeira de pega-pega... O desenho está em toda parte. (1996, p. 152)

Já GREIG (2004) em seu livro “A criança e seu desenho – o nascimento da arte e da escrita”, inclui um estudo mais complexo acerca do desenho, percorrendo todo um caminho, explicitando todas as fases que as crianças passam, desde antes mesmo de pegarem no primeiro lápis, até depois da adolescência, quando já tem traços firmes e característicos.

Vale ainda citar o início de todo este processo, que é outro tipo de desenho que ocorre, o desenho enquanto escrita, e é o que CONTINI JUNIOR (1994) chama de escrita pictográfica, pois considera desenho como a primeira escrita da criança.

E VILANOVA ARTIGAS (1975) para explicar o desenho inicia pelo significado da palavra: “O conteúdo semântico da palavra desenho desvenda o que ela contém de trabalho humano acrisolado durante o nosso longo fazer histórico.” (1975, s/n) E completa da seguinte maneira: “O “disegno” do Renascimento, donde se originou a palavra para todas as outras línguas ligadas ao latim, como era de se esperar, tem os dois conteúdos entrelaçados.” (1975, s/n) O primeiro significado é no sentido de desígnio, intenção e o segundo no sentido de desenhar no papel. E o explica da seguinte maneira:

No Renascimento o desenho ganha cidadania. E se de um lado é risco, traçado, mediação para expressão de um plano a realizar, linguagem de uma técnica construtiva, de outro lado é desígnio, intenção, propósito, projeto humano no sentido de proposta do espírito. Um espírito que cria objetos novos e os introduz na vida real. (1975, s/n)

LA PASTINA (2007), considera o desenho como sendo um código de cultura, assim como a comunicação oral e gestual, e que a cultura na qual as crianças estão inseridas é que vão determinar as características do desenho de cada uma. Wilson e Wilson *apud* SILVA (1998), também afirmam “que as pessoas são modificadas pelas características de sua época e espaço”. (1998, p. 2) e que o contexto social exerce uma grande influência no desenho infantil. E este eixo, acreditamos ser o que mais se aproxima de nossa visão, portanto será este viés que nos basearemos no estudo.

E acreditamos que o primeiro passo para qualquer desenho seja a criatividade, que também é tratada por diversos autores. Abaixo traremos mais alguns olhares sobre esta questão.

Para LIMA (1996) ela vem do ato de olhar. “Afinal, o primeiro passo da criação é a busca de uma visão atenta, uma vez que dela surgirá uma expressão mais original e pessoal” (p. 148). Além do fato que “o desenho como atividade expressiva propicia, portanto, a objetivação do plano mais interno, profundo e oculto do pensamento (SOUZA; CAMARGO; BULGACOV; 2003, p. 103).

Para SANS (1987) “A criatividade está para o homem, assim como o ar está para a natureza” (1987, p. 14) e este mesmo autor entende “que a criatividade faz parte da pessoa, não se mede e não se ensina, mas existem meios de estimulá-la fazendo com que o ser humano a explore e torne-se mais criativo.” (1987, p. 15) E neste sentido VIGOTSKI (2009) completa dizendo que para estimular a criatividade da criança é necessário alargarmos a experiência da criança. E que

Quanto mais veja, execute e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais abundantes forem os elementos reais de que disponha na sua experiência, tanto mais importante e produtiva será, mantendo-se idênticas as restantes circunstâncias, a atividade da sua imaginação. (2009, p.18)

READ (2001) faz uma observação acerca da criatividade pertinente diante do quadro escolar existente atualmente: “Teremos que considerar até que ponto essa atividade imaginativa, enquanto tal, pode ser incentivada por nossos métodos educativos” (2001, p.9).

Acreditamos e, portanto, nos basearemos, principalmente na visão Vigotskiana ao que tange a criatividade, que ela tem que ser estimulada nas crianças, e que também faz parte da função do docente fazê-la.

E posteriormente à criação pronta ocorre que outras pessoas a observarão, e aí entra a questão da significação individual. E sobre esta questão da interpretação, um livro mundialmente conhecido, intitulado O Pequeno Príncipe, de autoria de Antoine de Saint-Exupéry, e escrito em 1943, ilustra perfeitamente uma situação de re-leitura e de re-observação de um desenho produzido por uma criança, e analisado por adultos, que por sua ressignificação desencorajaram a criança a continuar com sua produção de imagens. Segue o trecho abaixo:

Refleti muito sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1. Ele era assim:



Figura 1 - Primeiro desenho do Pequeno Príncipe

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo.

Responderam-me: “Por que é que um chapéu daria medo?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidade de explicações detalhadas. Meu desenho número 2 era assim:

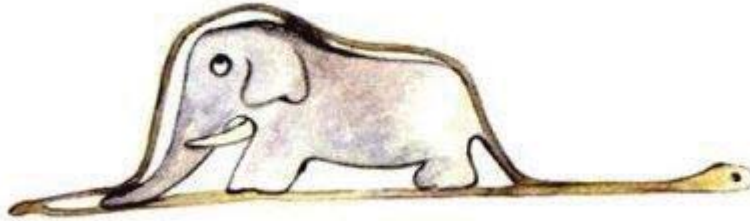


Figura 2 - Segundo desenho do Pequeno Príncipe

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 9 e 10).

Ainda sobre a questão do significado que terá para cada observador, VIGOTSKI (1999) compara a linguística à arte, e acrescenta que “em cada palavra, como podemos pensar a partir desse sistema, distinguimos três elementos básicos: primeiro a forma sonora externa, segundo, a imagem ou forma interna e, terceiro, o significado” (1999, p. 32). E em seguida explica os três pontos:

Dois sinônimos têm forma sonora diferente em um só conteúdo graças unicamente ao fato de que a forma interior de cada uma dessas palavras é totalmente diversa. [...] Assim, a diferença entre as duas referidas palavras é meramente psicológica. Levam a um único resultado, só que através de diversos processos de pensamento. Do mesmo modo, mediante duas diferentes insinuações podemos fazer suposições sobre o mesmo objeto, mas o caminho da suposição será sempre diferente (1999, p. 33).

(...) Os mesmos três elementos, que distinguimos na palavra, aqueles psicológicos encontram também na obra de arte, ao afirmarem que os processos psicológicos da percepção e da criação da obra de arte coincidem com os processos similares na percepção e na criação de determinada palavra (1999, p. 34).

E cita um exemplo para ilustrar seu pensamento:

Uma criança que viu pela primeira vez um globo de vidro, denominou-o melanciazinha, explicando uma impressão nova e para ele desconhecida do globo através da noção anterior e conhecida de melancia. [...] A criança, bem ou mal, explicou a si mesma o globo (1999, p. 34).

Assim como ocorreu com a criança citada por Vigotski, que produziu significados próprios para si mesma, pode ocorrer com qualquer pessoa a todo o momento. Um artefato que auxilia muito a compreensão das ideias das crianças (além do próprio desenho) é a fala, ou seja, tudo que é dito por ela no momento em que está criando.

A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo, sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão. (VIGOTSKI, 2007, p.13)

Apesar de reconhecermos a importância da fala no momento da criação, neste trabalho nosso foco será somente no desenho, na arte produzida pela criança. A análise foi feita com o máximo de cautela, para que como no exemplo citado acima com o trecho de “O Pequeno Príncipe” a ressignificação não afete a intenção inicial da criança.

Neste trabalho, para auxiliar a compreensão, optamos por escolher a concepção de desenho e de fases evolutivas que Vygotsky utiliza em seu livro: A imaginação e a arte na infância (2009), que são divididas em quatro fases.

Na primeira fase fica claro que

Se deixarmos de parte o período dos exercícios em papel pautado, das garatujas e da expressão amorfa de elementos isolados, e considerarmos directamente a etapa em que a criança começa a desenhar no pleno sentido da palavra, definiremos um primeiro momento, ou fase do esquema, em que a criança representa sob forma esquemática objectos muito distante do seu aspecto real. (p.96)

Nesta fase elas “Desenham o que já sabem acerca das coisas, o que nelas lhes parece mais importante” (p. 97). “Quando desenha, a criança põe no seu desenho tudo o que sabe do objecto que representa e não apenas o que vê.” (p. 98) Confirmamos esta teoria analisando o desenho abaixo, onde a criança desenha uma mulher e seu filho (como constatado pela professora, através da fala da criança). No desenho encontram-se apenas a cabeça e as pernas das duas pessoas

desenhadas, que para o autor do desenho são as partes mais importantes do corpo humano e suficientes para representá-lo.

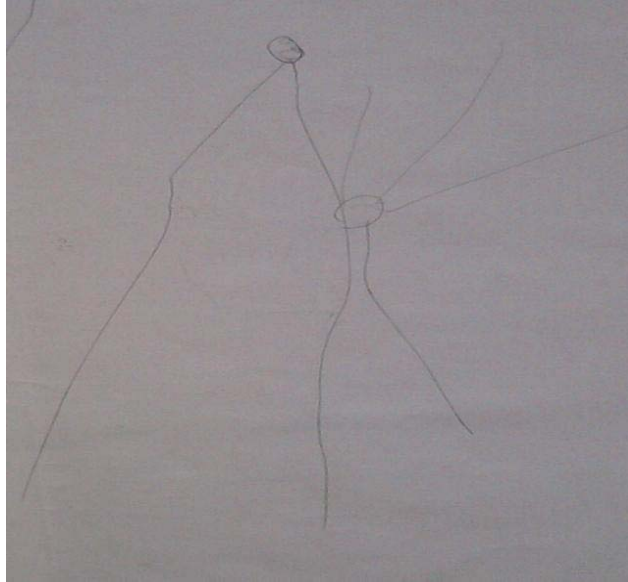


Figura 3 – Desenho representando a primeira fase

A segunda fase evolutiva do desenho é caracterizada por onde “começam a ser sentidas a forma e a linha” (p. 99).

Neste segundo estágio do desenvolvimento do desenho infantil encontramos uma mistura de formalismo e de esquematismo na representação plástica: os desenhos são ainda esquemáticos, mas neles encontramos já, por outro lado, embriões de uma representação próxima da realidade. Este segundo estágio não se diferencia bruscamente do primeiro, mas caracteriza-se por uma quantidade muito maior de pormenores, a busca de uma maior semelhança na disposição das diferentes partes do objecto: deixamos de encontrar omissões tão notáveis como a falta de tronco, e o conjunto do desenho aproxima-se já do aspecto afectivo da imagem. (p. 99)

Podemos observar as questões apontadas no desenho a seguir:



Figura 4 – Desenho representando a segunda fase

Como podemos observar, a pessoa agora já possui tronco e braços, já se aproxima mais a realidade.

A terceira fase caracteriza-se pela

representação fiel em que o esquema desaparece por completo do desenho infantil, que adopta já o aspecto da silhueta ou do contorno. A criança ainda não restitui a perspectiva, a plasticidade do objecto, surgindo este projectado sobre um plano, mas consegue de um modo geral uma representação verídica, assemelhando-se ao aspecto real do objecto. (p.100)

Apesar de alguns erros, como a violação da proporcionalidade e das medidas, o desenho das crianças torna-se realista: as crianças reflectem aquilo que vêem transmitindo a postura, o movimento, e tendo em conta o ponto de vista do observador, enquanto já nada resta do esquema. (p. 101)



Figura 5 - Desenho representando a terceira fase



Figura 6 - Desenho representando a terceira fase

Comprovamos através dos desenhos a teoria, e o mais explícito nos desenhos é a questão de proporcionalidade, mãos muito grandes, orelhas enormes. Entretanto o desenho possui uma riqueza de detalhes, como roupas, cabelo, sapato, olhos, boca, fazendo com que se aproxime da realidade.

E “finalmente no quarto estágio deparamos com a imagem plástica que apreende e reflecte a forma do objecto apresentado.” (p.101)



Figura 7 - Desenho representando a quarta fase



Figura 8 - Desenho representando a quarta fase

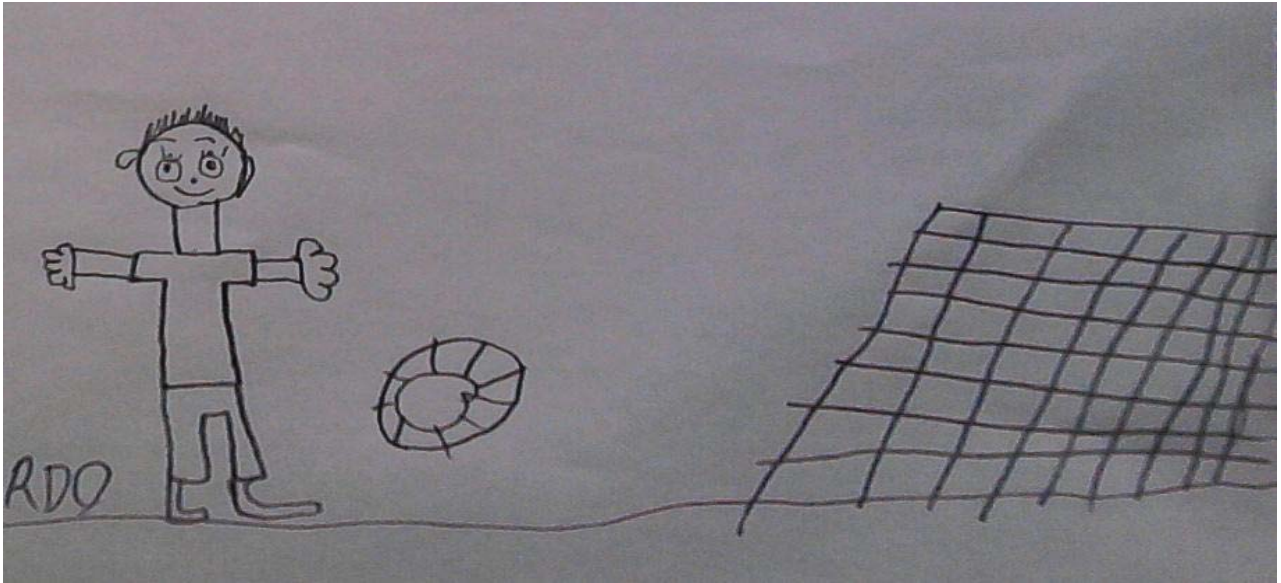


Figura 9 - Desenho representando a quarta fase

Nas imagens acima apresentadas podemos observar as questões que são citadas, os detalhes no corpo de cada pessoa desenhada: os cílios, as sobrancelhas, os cabelos, as roupas bem delineadas, etc.

Concluindo então,

Nos primeiros desenhos vemos simples representações esquemáticas de seres humanos limitadas a duas ou três partes do corpo. A pouco e pouco, estes esquemas vão sendo enriquecidos por certos detalhes, e aparece o desenho radiográfico que reflecte toda uma série de particularidades. (p. 101-102)

Seria se esperar que fosse mais fácil à criança desenhar o que vê do que fazê-lo de memória, mas as experiências e observações realizadas provam que desenhar o que se vê, dar a imagem real do objecto, é o nível mais elevado e aperfeiçoado no processo do desenvolvimento do desenho infantil, nível que muito poucas crianças alcançam. (p. 102)

Vale ressaltar aqui que não existe determinada idade para cada fase, na maioria dos casos as crianças entram na fase um com 5 anos, e saem da última fase quando estão entrando na adolescência. Mas tudo varia de acordo com a influência do meio (escolar ou familiar) no qual a criança está inserida, se ela tem ou não um estímulo favorável ao desenvolvimento de seu desenho.

3 – O DESENHO ENQUANTO ARTE

Mas afinal, o que é arte? READ (2001) só a diferencia da ciência em um aspecto, os métodos, e acredita que a oposição gerada entre elas no passado é por conta da visão limitada que se tinha antigamente de suas atividades. E completa dizendo que “A arte é a representação, a ciência é explicação – da mesma realidade.” (p.12)

E COSTA (2004) vai mais longe, analisando que

A importância da arte na vida cotidiana é reforçada até mesmo pelas novas teorias sobre a inteligência humana, que mostram ser a nossa mente muito mais complexa do que se pensava. Hoje se tem como certo que, além da capacidade de raciocínio lógico que sempre caracterizou a inteligência, ela ainda se revela por outras habilidades inteligentes como a sensibilidade em relação às cores, aos sons e às imagens e a capacidade de nos expressarmos por meio dessas linguagens. Desenvolvermos essa capacidade é, portanto, nos tornarmos mais inteligentes. (p.13)

Também segundo o READ (2001), “a arte está profundamente envolvida no real processo da percepção, do pensamento e das ações corpóreas.” (p.15) E a começa definindo como:

arte não é apenas algo que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades como Florença e Roma. A arte, seja lá como a definimos, está presente em tudo que fazemos para satisfazer nossos sentidos [...] e quando perguntamos “o que é arte?” estamos, na verdade, perguntando qual é a qualidade ou peculiaridade de uma obra de arte que atrai nossos sentidos. [...] Mas para começar, podemos dizer que existe algo comum a todas as obras de arte, algo que denominamos FORMA. (p.16)

e “a forma de uma obra de arte é o aspecto que ela assume” (p. 17). Então, partindo deste ponto principal, todo desenho, já que adquire uma forma, é uma obra de arte. E uma informação de extrema importância que SANS (1987) nos fornece é que “para a criança não existe arte abstrata, ela sempre irá desenhar momentos vividos, conhecimentos dominados pela sua imaginação e nunca necessitará jogar tintas aparentemente sem nexos no papel.” (p.37)

READ (2001) também deixa claro que o que estamos chamando de arte nesta pesquisa, seria melhor definido pela expressão “educação estética” já que arte, é um termo muito amplo. Por educação estética ele define: educação visual (que utiliza o olho como principal instrumento); educação plástica (tendo o tato como principal

instrumento); educação musical (o ouvido); educação cinética (os músculos); educação verbal (a fala); e a educação construtiva (o pensamento). Nosso trabalho tem o foco na educação visual, através do desenho infantil.

Segundo COSTA (2004), a própria história da arte já pôs em evidência a variabilidade dos princípios estéticos e as tendências dos artistas, que mudam de época em época, procurando assim definir os diversos movimentos estéticos, e portanto, a dificuldade na definição do termo. A autora exemplifica:

No Renascimento os artistas procuravam resgatar valores da Antiguidade como a simetria e o equilíbrio. No Barroco, movimento seguinte, exploravam-se curvas e o movimento. Esse e muitos outros exemplos mostram que a beleza está condicionada a diferentes critérios, conforme o tempo, o lugar, o sexo, a idade e o grupo ao qual pertencemos. A arte e o belo não são, portanto, conceitos universais. Confie na emoção que as coisas, as paisagens, as palavras, e os sons despertam em você e desconfie daqueles que se julgam capazes de definir pelos outros, de forma inquestionável, o que é belo e o que é arte. (p.25)

Apesar da dificuldade de encontrar uma definição à palavra arte, já que ela é carregada de subjetividade, e como já citado acima por READ (2001), que é na verdade a qualidade ou peculiaridade de uma obra de arte que atrai nossos sentidos, é justamente por todos estes motivos que o desenho é tratado como arte. Todos são carregados de subjetividade, e através deles, os artistas falam. Demonstram sua vida familiar, escolar, como ele se imagina, como ele se vê no futuro, seus sentimentos afloram, e revelam um pouco da personalidade de cada um.

Então, como não existem duas crianças idênticas, também não são idênticos os desenhos feitos por duas crianças. Cada trabalho reflete as infinitas facetas da personalidade de cada criança, assim como o confronto dos desenhos da mesma criança, em diversas idades, demonstra a evolução de sua personalidade, nas etapas sucessivas de seu desenvolvimento. (LOWENFELD, 1977, p. 10)

4 – O DESENHO

Abaixo traremos um olhar mais aprofundado de cada desenho baseado no estudo de alguns pesquisadores do tema, de acordo com o proposto inicialmente: a influência midiática, familiar, escolar, etc.

E o desenho, enquanto produção subjetiva e que expõe tanto quanto a fala ou a escrita, nos dirá o que cada criança sente e vive em relação ao meio ao qual elas estão inseridas.

Nessa linha, vejo o desenho – como criativo que é – não somente como prática pedagógica que ajuda a desenvolver a cognição humana. Muito mais do que um tema de pesquisa cognitiva ou estética, penso que o desenho pode ser contemplado como uma experiência de consciência. (MENEZES, 2010, p.194)

E também como citado acima, procuramos ter esta experiência de consciência através de tudo o que pode ser visto diante de cada desenho.

Sabemos que segundo as teses da teoria histórico-cultural há a necessidade de encarar o desenho por vários ângulos, inclusive através da fala. E ela possibilita isso, pois permite olharmos “o desenho como um signo empregado pelo homem e constituído a partir das interações sociais” (SILVA, 2002, p.25). Entretanto, neste trabalho optamos apenas pelas análises a partir da produção final da criança, não incluindo no estudo a fala da criança no momento de sua produção.

4.1 – A influência do meio vivenciado pela criança refletido em seu desenho

“Será que uma criança que não tivesse qualquer contato com seres humanos chegaria a desenhar, ou desenharia da mesma forma que uma criança civilizada?” (SILVA, 2002, p. 25). Este é o principal questionamento que nos trouxe até este tópico, o quanto o meio social no qual a criança está inserida influencia em seu desenvolvimento e o quanto elas refletem isto através de suas produções.



Figura 10 - Desenho: 'Ódio e Vingança'

(O texto escrito pela criança no balão foi apagado por revelar sua identidade)

O desenho acima ilustra a citação anterior, de SILVA (2002). E se o autor do desenho residisse em outro local, fizesse parte de outra família e vivenciasse outras situações, ou seja, se fosse de outro contexto social e cultural, qual seria sua reação diante do mesmo problema por ele vivido? Ainda seria de “ódio e vingança”, assim como descrito por ele mesmo no desenho? Lowenfeld que tem fortes influências inatistas, diria que sim, pois ele, que se justifica no maturacionismo do desenho, encara a produção como desvinculada do meio social e cultural. E SILVA (2002) acerca disto tem um posicionamento contrário bem marcado, dizendo que “de modo geral, a criança focalizada [...] desta maneira está solta no tempo e no espaço, sem vínculos de qualquer espécie, a não ser o biológico” (SILVA, 2002, p. 19).

Então, seguindo a linha de pensamento histórico-cultural de alguns autores aqui citados, no momento da produção deste desenho, seu autor estava falando através das linhas e tracejados (que formam duas pessoas, frente a frente, e uma arma), seu aspecto emocional naquele momento que era violento, vingativo, triste.



Figura 11 – Desenho: Eu não gosto quando o meu pai briga



Figura 12 – Desenho: O rio poluído



Figura 13 - Desenho: Avó e padrasto brigando

Dentro do universo escolar, com o meu trabalho direto com as crianças e com as professoras (especialmente as de artes), fui constatando o quanto as crianças e os adolescentes (para não falar adultos), revelam o seu aspecto emocional, o quanto expressam seus sentimentos com o uso de papel e lápis de cor, ou papel e giz de cera, ou, ainda, tintas diversas, massas e argila. Tudo parece tomar a forma e a cor que descortinam o que aquela pessoa vivencia naquele momento. (ALMEIDA, 1999, p. 13)

Nestas produções, o que mais podemos observar descortinando é o sentimento em relação as situações (maior parte) de contexto familiar - pais brigando, xingamentos, tudo o que foi muito bem observado pelos pequenos telespectadores. Há também um desenho que revela a tristeza da criança em relação ao rio poluído que corre próximo a sua casa. Cada pequena obra de arte desta, só nos confirma o quanto cada

[...] criança tem um senso de observação aguçada, pois, em diversos momentos, ela chama a atenção de pormenores não observados pelos adultos. E, no momento em que desenha, age com grande concentração, colocando somente aquilo que lhe interessa. (SANS, 1987, p.21)

É importante ressaltarmos aqui, que dentre os desenhos que recolhemos na instituição para realizarmos este estudo, não surgiram apenas reflexos ruins da realidade. Outras crianças desenharam se mostraram felizes com a família, autorretratos, animais preferidos, paisagens bonitas, etc. A seguir algumas belas obras de arte que ressaltam o lado positivo de suas vidas.



Figura 14 - Desenho: Só os fortes sobrevivem



Figura 15 - Autorretrato

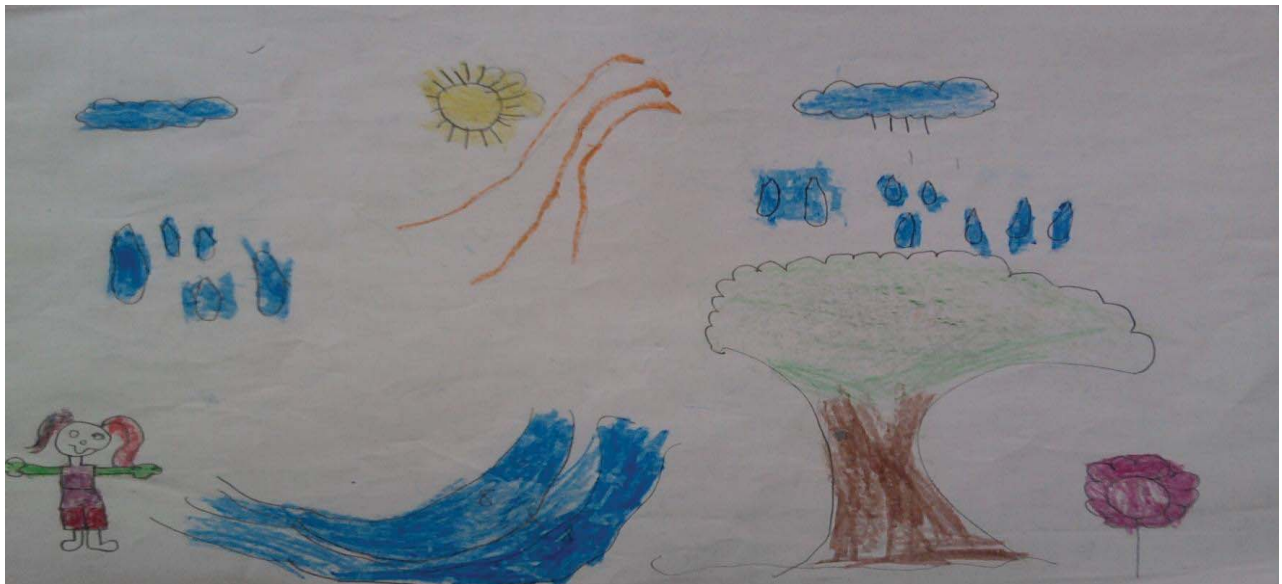


Figura 16 - Desenho: Paisagem

Por tudo isso já discutido, e seguindo o que ALMEIDA (1999) coloca, é que decidimos pela utilização dos desenhos. Pois, o desenho fala, fala tanto quanto a escrita e a própria fala. Quando a criança ainda não se apropriou do código alfabético, se utiliza do desenho para representar seus pensamentos, sensações e ideias, e quando mais velha se utiliza dela para complementar a escrita, ou novamente para que ele fale por si só.

GIMENEZ (2009) em sua pesquisa que objetivava analisar as contribuições do desenho na educação infantil, concluiu que sim, ele é de extrema importância, e

que a maioria dos professores também o considera. Entretanto, ainda falta muito em termos de capacitação e até mesmo de formação sobre o tema para os docentes, o que afeta diretamente nas atuações em sala de aula.

Neste sentido, cabe então ao professor saber adequar o desenho enquanto atividade educativa, e não simplesmente como “passatempo”, e muito menos assumir uma postura classificativa - o mais bonito, pois como já visto anteriormente, o belo é relativo, afinal, a arte é extremamente importante para o desenvolvimento da expressão, organização dos pensamentos, dos sentimentos no processo educativo.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito, que a partir dos desenhos infantis e de suporte teórico, analisar se a criança demonstra através de seu desenho a influência do contexto sócio/cultural no qual ela está inserida.

Graças ao estudo teórico realizado, foi possível compreender que alguns autores não consideram o meio social influente, e outros em contrapartida, o dizem como determinante.

Ao longo do estudo, conseguimos perceber que existem pontos que são comuns em qualquer desenho infantil, como os sucessivos estágios de desenvolvimento, mas que apesar das similaridades, existem outros em que se diferem, pois há a interferência externa influenciando, como vivência familiar, escolar, cultural e social.

A criança que vive num país diferente de outra nota peculiaridades de seu cotidiano, tradição e costume. Percebem detalhes diversificados. Mesmo assim, os desenhos contêm similaridades que nos mostram uma visão análoga de expressão entre elas. (SANS, 1987, p.28)

No âmbito menor, dentro de uma mesma cidade, também existem diferentes contextos sociais, que diferenciam as características dos desenhos. Na pesquisa inicial (Ação, Câmera, Luz: Entre imagens e olhares – Experiências de Infâncias e Montagens), onde surgiu o interesse pela temática deste trabalho, as crianças faziam parte de um outro contexto social, sendo portanto um público diferente do público desta. Naquela circunstância a influência da mídia televisiva nas crianças e em suas produções nos chamou muito a atenção, portanto decidimos incluí-la como objetivo deste trabalho.

Ocorre que na circunstância e contexto da pesquisa deste trabalho, não apareceram desenhos que representassem esta situação. Levando em consideração que “a criação infantil é impulsionada pelo desejo de representação dos objetos e temas em seu desenho, que nos revelam claramente as experiências vividas pela criança” (SANS, 1987, p.40), entendemos que naquele momento o que é promovido pela mídia não é de grande importância a estas crianças.

E por outro lado, e que é muito preocupante, é ver o quanto a violência aparece nas atitudes dos personagens dos desenhos, pois “a criança, transmite em seus desenhos, toda uma escala afetiva de valores, tanto na expressão dos personagens quanto nos locais e objetos.” (SANS, 1987, p.37)

Apareceram também desenhos que refletiram outras questões que não a violência, mas as que a refletem são metade do total de desenhos recolhidos. Uma quantidade muito alta, levando em consideração que são vidas que estão sendo influenciadas/determinadas por estas ações.

E ao final deste estudo, analisando o material recolhido - os desenhos, entendemos que neste contexto e momento, as crianças sofrem grandes influências da violência exacerbada, e com a qual convivem diariamente, em casa e no bairro, reproduzindo/falando através dos desenhos a maneira como vivem diariamente, e o que sentem em relação a algumas determinadas situações.

“Tanto a criança quanto seu desenho são produtos históricos, no sentido que pertencem a uma certa cultura e por meio dela se desenvolvem” (SILVA, 2002, p.34), então, podemos ver, o quanto cada criança nos demonstra um pouco de sua vida através de seus desenhos, além é claro de sua função enquanto indicador do nível de aprendizagem do código alfabético, e do desenvolvimento da construção mental, e que por vezes nós, professores e adultos, não levamos em consideração, encarando-os na maior parte apenas como simples passatempo, desvalorizando-os, assim como ocorreu na história do Pequeno Príncipe.

Portanto, cabe a nós, professores e adultos, valorizarmos cada obra de arte dos pequenos, para que não aconteça de os desencorajarmos, e que assim ninguém seja obrigado a abandonar nenhuma promissora carreira.

Em conclusão, convém realçar a especial importância de promover a criação artística na idade escolar. O homem conquistará seu futuro com a ajuda da sua imaginação criadora; orientar no amanhã, um comportamento baseado no futuro e partindo desse futuro, é a função fundamental da imaginação e, portanto, o princípio educativo do trabalho pedagógico consistirá em dirigir o comportamento do aluno em vista de o preparar para o futuro, uma vez que o desenvolvimento e o exercício da imaginação é uma das principais forças no processo de buscar esse fim. (VYGOTSKY, 2009, p.110)

6 – BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, L. H. H. **A psicologia organísmica, a psicologia junguiana e a utilização de desenhos: Uma reflexão para a educação física.** 1999. Tese (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1999.

ARTIGAS, V. **O desenho.** Texto da Aula Inaugural pronunciada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 1 de março de 1967. Reedição da publicação do Centro de Estudos Brasileiros do Grêmio da FAU-USP, 1975. Disponível em <<http://www.g-arquitetura.com.br/desenho.html>> Acesso em: 04/ago/2011.

DIAS, G. F.; RAUTER, M. **A extensão da mídia nos corpos infantis: existe lugar para a criatividade?** In SEMINÁRIO SOBRE LINGUAGENS - POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO - EDUCAÇÃO "DISCURSIVIDADE, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO: TRAVESSIAS...", 6, 2010, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, 2010.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª edição. São Paulo. 2002.

GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita.** 1. ed Porto Alegre: Artmed, 2004.

CONTINI JUNIOR, J. A concepção do sistema alfabético por crianças em idade pré-escolar. In. **A concepção da escrita pela criança.** Org. Mary A. Kato. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1994.

COSTA, C. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico.** 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

GIMENEZ, J.C. **As contribuições do desenho na educação infantil.** 2009. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2009.

LA PASTINA, C. C. **Reflexões sobre desenho escolar e cultura.** In ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS DINÂMICAS EPISTEMOLÓGICAS EM ARTES VISUAIS, 16, 2007. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

LEITE, C. D. P. **Ação, Câmera, Luz: entre imagens e olhares – Experiência de infâncias e montagens.** 2009. 18 p. Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq - Departamento de Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

LIMA, M. M. de O. **Um conto e muitas histórias – um trabalho de arte-educação.** 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MENEZES, F. C. **Uma história íntima do desenho – Sobre experiências de formação do desenho & dos desenhistas.** 2010. Tese (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2010.

READ, H. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O Pequeno Príncipe: com aquarelas do autor.** Tradução Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SANS, P. T. **Pedagogia do desenho infantil.** Campinas, SP: Alínea, 1987.

SILVA, S. M. C. da. **A constituição social do desenho da criança.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

_____. **Arte e educação: Na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar.** 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SOUZA, S. V. de; CAMARGO, D. de; BULGACOV, Y. Lucia M. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. **Psicol. estud.** [online]. 2003, vol. 8, n.1, p. 101-109. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100013&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 08/09/2010.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A formação social da mente.** Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A imaginação e a arte na infância.** Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 2009.

Gabriela Fernanda Dias
Orientanda

Profº Drº César Donizetti Pereira Leite
Orientador